com facilidade. Pastoureau demonstrou que, a partir do século XII, o leão é o motivo mais frequente na heráldica medieval, com ampla distribuição geográfica por toda a Europa. As virtudes de força, coragem, orgulho, generosidade, clemência e justiça, tão caras aos chefes e guerreiros, foram-lhe associadas, às quais se acrescentou a caridade, misericórdia e sacrifício, de carácter cristológico. Para esta difusão, e de acordo com aquele autor, a importação de tecidos e outros objetos de luxo do Mediterrâneo Oriental terá tido um papel fundamental. Nestes bens sumptuários, o leão era frequentemente representado em posições bastante semelhantes às que irá assumir na armaria.

Na leitura que faz do cálice vimaranense, de "modesto feitio no seu entender", Joaquim de Vasconcelos descreve-os como "leões heráldicos" entre "rosetas de estylo românico". De facto, as três figuras representam um leão rampante e dois passantes, tal como se observa nos escudos do tempo. A minúcia do cinzelado nos detalhes das patas, cauda e juba, as posições diferenciadas e as formas estilizadas e alongadas dos três leões, aproximam-nos dos observados nos bordados, metais e manuscritos iluminados ingleses e franceses desta cronologia. O século XII foi, de facto, o século de expansão da iconografia do leão nas artes plásticas e na literatura. Por outro lado, a imagem visual destes felinos não seria estranha na corte portuguesa. Se observarmos os selos de Fernando II (1137-1188) e Afonso IX (1171-1230) de Leão, o primeiro casado com uma irmã de D. Sancho I, D. Urraca de Portugal (1148-1211), e o segundo seu sobrinho, filho desta e marido de D. Teresa de Portugal (1176-1250), filha mais velha do rei, compreendemos melhor este universo visual. As artes plásticas e a heráldica determinavam a forma e os bestiários a simbologia.

No espaço entre os medalhões com o leão rampante e um florão gravou-se uma pequena cruz grega, com decoração burilada no interior em forma de losangos. Este elemento está também presente nos três cálices românicos que pertenceram ao mosteiro de Alcobaça, tendo sido entendido como prova da uniformidade estilística deste conjunto de peças. Gonçalves aventou, por isso, que estes cálices tinham a mesma origem oficinal, considerando que essa só poderia ser de Lisboa, centro de produção que se considera impossível de desvendar. Na verdade, este motivo é recorrente nos cálices medievais e modernos, sendo repetidamente referido nos inventários. Tecnicamente, estas cruzes podiam ser gravadas, como é o caso, repuxadas e cinzeladas, filigranadas, esmaltadas ou simplesmente douradas sobre a prata na sua cor. A escolha do motivo, diretamente associada ao Sacrifício é evidente, mas nos cálices, estas pequenas cruzes decorativas tinham a função de indicar ao sacerdote o lado por onde tomar o Sangue do Cristo.

O cálice proveniente do extinto Mosteiro de Santa Marinha da Costa reveste-se, assim, de um forte simbolismo e constitui uma peça de referência da ourivesaria portuguesa. A data de 1187, gravada na base e o respetivo conteúdo da inscrição, permitem enquadrá-lo entre os raros objetos sumptuários que remontam aos tempos de afirmação e definição das fronteiras do novo Reino. Transformado provavelmente no século XIV, recebendo um acrescento na haste e um novo nó que o converteu numa peça híbrida, foi preservado e poupado no decorrer dos séculos, enquanto memória corporizada de um legado de *Sancho, o Bom* e da sua *domna Dulcia*.

Texto: ACS - Fotos: JNG

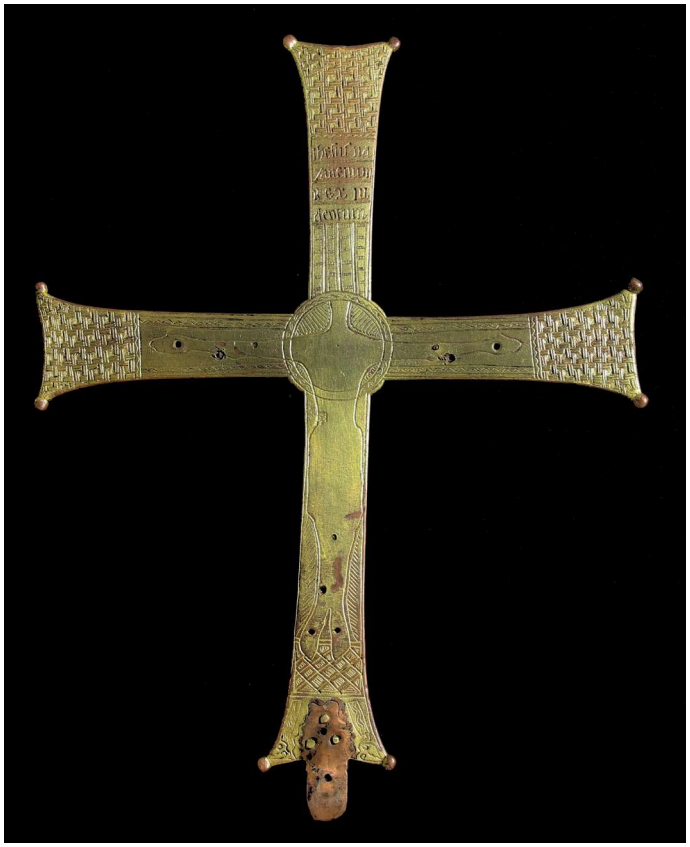
Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 175; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 178; BARROCA, M.J., *in* NOS CONFINS DA IDADE MÉDIA, 1992, Peça n.º 42, pp. 120-130; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 181 (de 1187); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 207 (de 1187); BELLINO, A., 1900, p. 205; BRANCO, M. J.V, 2006, pp. 161-168; BROWNE, C., 2016, pp. 128-129 e 138-141; CAMBIER, H., 2014, pp. 27-28; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 66; COUTO, J. e GONÇALVES A.N., 1960, p. 68; DIAS, N.J.P.P, 2012, pp. 167-176; FERNANDES, I.M., 2005, pp. 8-17 e 32-33; GONÇALVES, A.N., 1984a, pp. 86-88; PASTOUREAU, M., 2004, pp. 54-66; ROSAS, L.M.C., 1996-97, pp. 255-268; SANTOS, M.A. e SILVA, N.V., 1998, pp. 45-47; SIEBERT, K., 2015; SOUSA, A.C.C., 2010, p. 367; SOUSA, A.C.C., 2016, p. 64; VASCONCELOS, J., 1914.

CRUZ DA PAROQUIAL DE SANTIAGO DE GAGOS

A cruz processional que se conserva atualmente no Museu de Alberto Sampaio (42,2 cm x 32 cm), pertenceu à paroquial de Santiago de Gagos, antiga freguesia do concelho de Celorico de Basto. Em 2013, esta integrou a União das Freguesias de Veade, Gagos e Molares. Da igreja de Gagos passou para a coleção particular de Manuel Monteiro (1879-1952) e depois para o acervo do Museu D. Diogo de Sousa, encontrando-se presentemente no referido Museu de Guimarães.

A cruz latina, de cobre dourado, obedece, formalmente, ao grupo de cruzes pateadas, apresentando as extremidades dos braços mais largas e as arestas preenchidas com esferas encaixadas e soldadas, com medalhão circular ao centro. Integra, neste sentido, um conjunto mais alargado de objetos que prolongam uma tipologia fortemente enraizada no mundo mediterrâneo, de origem paleobizantina, que combina uma gramática decorativa de tempos e geografias diferenciadas.



Cruz de Santiago de Gagos. Anverso



Cruz de Santiago de Gagos. Reverso

À semelhança da Cruz do Tesouro-Museu da Sé de Braga, a de Gagos perdeu o crucifixo original, recordando apenas a memória deste através do contorno do corpo marcado a buril no anverso da peça. As várias marcas de orifícios denunciam um percurso atribulado a este nível. Sabe-se que o original fora substituído pelo menos no século XVIII, pois foi um crucifixo desta cronologia que Manuel Monteiro encontrou quando esta passou para a sua posse, tendo sido retirado posteriormente. Pela silhueta gravada, é possível compreender que o corpo do Cristo correspondia à habitual representação esquematizada, frontal e rígida, com os braços retos estendidos ao longo do patíbulo, cabeça frontal, corpo esguio envolto por perizónio decorado a buril, pernas unidas e pés separados, cravado na cruz a quatro cravos. Estes estavam apoiados numa banda gravada com um reticulado losangular, que aparenta simular o supedâneo. Por cima da cabeça do Cristo gravou-se o *titulus*, com a inscrição distribuída por quatro faixas e maioritariamente em letras minúsculas, que reforça, segundo Barroca, a datação da segunda metade do século XII:

IHESVS . NA / ZARENVM / R.EX . IV / DEORVM

As extremidades do patíbulo e a superior do estipe exibem uma decoração geométrica, composta por linhas entrelaçadas de dois fios, semelhante ao cruzamento da urdidura e trama e recordando, por isso, uma abstração própria da tecelagem ou cestaria. O mesmo motivo está presente na cruz da antiga coleção Correia de Campos, de paradeiro atualmente desconhecido, na do MET (Inv. 17.190.802), datada do século XII e apresentada como de provável origem Hispânica, e na nº 488 Met do Museu Nacional de Arte Antiga, associada, neste último caso, ao habitual cordão. Estes elaborados motivos entrelaçados e de perfis variados são frequentes em cruzes medievais da Arménia, conhecidas como *khatchkar* [cruz de pedra] (ex. MET L.200811), monumentos de pedra erguidos como memoriais aos mortos e destinados a marcar o lugar de acontecimentos importantes. Esta gramática decorativa reforça a ligação desta tipologia ao mediterrâneo oriental, concretamente ao mundo bizantino, também ele agregador das realidades culturais próprias dos territórios envolventes. A parte inferior do estipe estava parcialmente ocupada pelo florão que une a haste ao pé da cruz, exibindo igualmente motivos geométricos gravados a buril e palmetas cordiformes nos ângulos, tal como também é recorrente nesta tipologia de peças. As partes não ocupadas pelo corpo do Cristo no



Anverso. Pormenor do titulus



Reverso. Pormenor do medalhão central

medalhão central patenteiam motivos raiados ao modo de um resplendor. O reverso da peça é todo debruado com o recorrente entrançado de duas fitas, de faces buriladas. A superfície interna dos braços é preenchida por uma linha central reta e três verticais formando uma quadrícula decorativa, semelhante à da antiga coleção Correia de Campos. O medalhão exibe decoração incisa constituída, no corpo central, por roseta formada a partir de quatro palmetas cordiformes de folhagem enrolada, unidas em diagonal, formando uma cruz de braços iguais ao centro, muito semelhante à existente na do Tesouro-Museu da Sé de Braga.

A cruz da antiga paroquial de Gagos associa-se a uma tipologia de cruzes votivas, datáveis do século XII, com características formais, técnicas e decorativas afins. Estas, por sua vez, manifestam um sincretismo artístico próprio do românico, sendo evidentes as ligações ao universo imagético do Próximo Oriente. Apesar da perda do crucifixo e do pé da cruz que permitia a fixação à vara processional ou assento de altar, esta peça testemunha a devoção própria de um tempo, quando as cruzes se converteram em objetos indispensáveis nos rituais litúrgicos e símbolos de orgulho e ostentação das igrejas paroquiais a que pertenciam.

Texto: ACS - Fotos: JNG

Bibliografia

BARROCA, M.J., *in* NOS CONFINS DA IDADE MÉDIA, 1992, Peça n.º 40, p. 128; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 214 (da [Segunda metade do século XII]); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 246 (de [século XII]); FERNANDES, C.V., 2016; IPM, 2003a, pp. 16 e 64-69.

CRUZ PROCESSIONAL (INV. MAS TO 17)

A cruz processional exposta atualmente no Museu Alberto Sampaio (Inv. MAS To 17) constitui, pelo programa iconográfico que exibe, um exemplar digno de registo e análise no âmbito da torêutica românica. De cobre e com vestígios de douradura em vários pontos, esta peça enquadra-se na tipologia de cruzes patadas de tradição bizantina. O perfil da árvore foi recortado numa lâmina de cobre (33,5 x 18,5 cm), incluindo os círculos pronunciados nos ângulos e centro do patíbulo, à semelhança do que foi habitual em cruzes altimedievais. Desconhece-se a origem deste objeto, sabendo-se apenas que foi adquirida em 1946 a um Antiquário e que seria originária do concelho de Guimarães.

Apesar das perdas quase totais da douradura e de um dos círculos superiores do estipe, esta peça parece